

São Tomé e Príncipe quer captar mais investimento português

ÁFRICA 40 anos depois da independência, o país procura melhorar infraestruturas, turismo, capacidade agrícola e de exportação

Manuel Pinto da Costa, presidente de São Tomé e Príncipe, considera que Portugal é "um parceiro natural e estratégico para o desenvolvimento do país". Na primeira conferência do ciclo Negócios em Português — iniciativa da Ordem de Técnicos Oficiais de Contas e da TSF que vai percorrer as capitais dos países de língua portuguesa, em parceria com a AICEP — o chefe de Estado salientou que a sua presença era "sinal de empenho político claro do Estado são-tomense no reforço das relações económicas entre os países".

São Tomé e Príncipe tem menos de 200 mil habitantes e uma economia de dimensão reduzida, mas cresceu mais de 4% no ano passado, muito por causa do Investimento Direto Estrangeiro (IDE). Um dos problemas estruturais da economia do país é o défice da balança corrente, pelo que foi unânime entre os oradores da conferência que "São Tomé, mais do que ser visto pelos empresários portugueses como um mercado de exportação, deve ser olhado como um local de investimento para entrar noutros mercados". À volta de São Tomé, estão localizadas algumas das economias

mais pujantes do continente africano, como Nigéria, Camarões e Gabão. Para que o arquipélago possa funcionar como plataforma logística da região é preciso um grande investimento nos portos. O porto de São Tomé não é de águas profundas e os barcos que chegam têm de fundear ao largo para carregar ou descarregar as mercadorias.

No debate sobre a fiscalidade, o bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, Domingues Azevedo, salientou a necessidade de que "seja feita pedagogia para que

os contribuintes e as empresas assumam o seu dever de cidadania de pagar impostos" — única forma de o Estado cumprir a sua função, construindo estradas, hospitais e escolas. Se o Estado for capaz de se financiar e aumentar a cobrança de impostos para realizar os necessários investimentos públicos

de infraestruturas, turismo e agricultura são oportunidades de negócios que os empresários portugueses devem aproveitar, salientou o presidente da AICEP, Miguel Frasquilho.

João Cristóvão, presidente do Banco Internacional de São Tomé e Príncipe, participado pela CGD, reconheceu ainda a importância de todos falarem a mesma língua, mas salientou que, se isso é muito importante a nível cultural, "não é condição necessária nem suficiente ao nível dos negócios". PAULO BALDAIA



Manuel Pinto da Costa, presidente de São Tomé

OPINIÃO

Sem asas para voar na diplomacia

PAULO BALDAIA
Diretor da TSF

São Tomé e Príncipe é um país pequeno e muito dependente da cooperação externa. Mas é grande na forma como recebe e se relaciona com os portugueses. A economia portuguesa, com todas as dificuldades, é um gigante que chega a estas paragens e consegue ficar pequeno, quando a diplomacia não se esforça para se mostrar humilde com os mais fracos. Para celebrar os 40 anos da independência, São Tomé recebeu delegações de várias partes do mundo, algumas representadas ao

mais alto nível, e Portugal tinha previsto estar presente com o seu ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros. Rui Machete tinha encontro marcado com o presidente e o primeiro-ministro, mas acabou por não vir. Teve de ceder o Falcon ao primeiro-ministro e não quis regressar no voo comercial em que regressa o secretário de Estado que o veio substituir. Sem Falcon, o nosso ministro de Estado deixado de ir a Angola ou ao Brasil? Não me parece. Quem se julga forte para fazer uma desfeita aos mais fracos, acaba por parecer fraco aos olhos dos que são verdadeiramente fortes. Um empresário português confidenciou-me que estranhou por ver que eram os chineses que estavam na tribuna presidencial. É a lei da vida. Só faz falta quem está!

